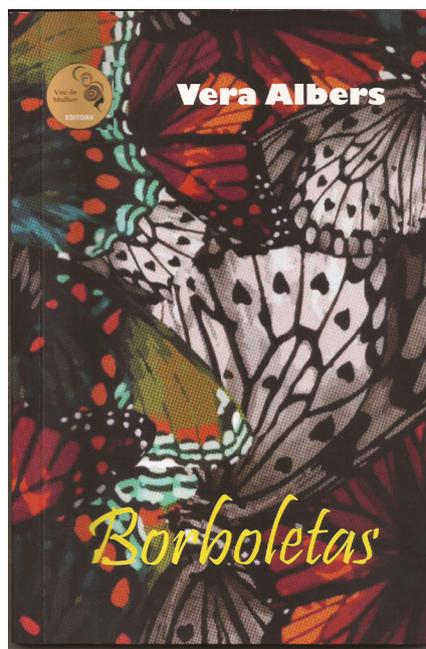


RESENHAS



ALBERS, Vera. *Borboletas*. São Paulo: Voz da Mulher, 2022, 118 p.



As eruditas *Borboletas* de Vera Albers

Celeste Ribeiro-de-Sousa

Borboletas é o título da nova coletânea de textos, publicada por Vera Albers pela editora Voz de Mulher agora no final de 2021, seguindo neste mesmo ano a publicação do volume *Transcontos*. Sobre *Borboletas* é possível acessar no youtube o vídeo (28.09.2021) em que a escritora se dá a conhecer e o comentário que tece de sua própria obra ><https://www.youtube.com/watch?v=F97DePfmCww><. Também a cerimônia de lançamento do livro no mercado (29.09.2021), em diálogo com a editora Telma Ventura está disponível em ><https://www.youtube.com/watch?v=sOj0C7btqK0><. Mas há outros trabalhos críticos sobre as obras anteriores de Vera Albers, em que sua escrita, seu estilo, são analisados.¹

¹ Por exemplo,

- Cassiolato, Valeria Copelli (Grupo Mulheres do Brasil). O feminino pelo olhar da mulher escritora. (27.10.21). https://www.youtube.com/watch?v=NzAWYuTqF_k
- Ribeiro-de-Sousa, Celeste. Vera Albers e seus *Transcontos*. In: *Sibila*. Revista de poesia e crítica literária. São Paulo, 23.08.2021. <http://sibila.com.br/cultura/vera-albers-e-seus-transcontos/14185>
- Amarante, Dirce Waltrick do. Vera Albers, herdeira do surrealismo no século 21. In: *Estado de São Paulo*, Especial Aliás, 05.06.2021.
- Fraga, Whisner. Comentários sobre o livro *Transcontos*, de Vera Albers. <https://www.youtube.com/watch?v=q0ni9g-3924>
- Ribeiro de Sousa, Celeste. Um novo nome nas letras brasileiras. Vera Albers e “Surto urbano”. In: *Linha d'Água* nº 15. Revista da Apl. São Paulo, Humanitas, julho de 2002, p. 113-114.

Aqui, vamos falar das *Borboletas*. Começando pelo título que abre a porta para o imaginário do leitor, que logo se deixa povoar por esses belos insetos, os quais, no entanto, aparecem apenas no texto inicial. Por certo, deve esta narrativa deter as matrizes dos assuntos tratados em todos os outros “contos” surreais, que se seguem. E, tal como o próprio texto, as borboletas merecem, então, ser olhadas com lupa: lindos bichinhos coloridos, diáfanos de duas asas, quais anjinhos estilizados, volitando alegremente em torno de flores, sob céu azul, ensolarado, sem nuvens. Imagem que remete a uma paisagem paradisíaca. São também animaizinhos provenientes de metamorfoses intensas, que evoluem de ovos para feias lagartas, para crisálidas, ensimesmados casulos, e desabrocham, por fim, em borboletas libertas. E, com elas, sobrevém e avoluma-se toda uma carga simbólica a elas associada, partilhada pelos seres humanos naquilo que a psicologia junguiana chama de inconsciente coletivo. As borboletas são a própria imagem da beleza, da liberdade, da leveza, da inconstância. Não há como não associar as metamorfoses das borboletas à evolução e ao amadurecimento do ser humano: do óvulo fecundado no útero, detentor da potencialidade do ser, ao momento do nascimento e ao crescimento posterior na infância e adolescência até a idade adulta, o amadurecimento. De fato, para a psicanálise moderna, a borboleta é símbolo de renascimento.

Conforme o dicionário de símbolos², para os astecas, a borboleta era um símbolo da alma. Seu deus do fogo, Huehuetēotl, trazia estampada no peito uma borboleta de obsidiana, simbolizando o fogo solar e diurno, igualmente capaz de atravessar os mundos subterrâneos, o fogo ctônico, oculto, ligado à noção de sacrifício, de morte e ressurreição. No Japão, por exemplo, duas borboletas representam a felicidade conjugal. Com sua leveza sutil, simbolizam igualmente espíritos viajores. Sua aparição anunciaria uma visita ou a morte de parente próximo. Mas, em si, a borboleta simboliza a mulher. Nos afrescos de Pompéia, Psiquê aparece como uma menina alada, à semelhança de uma borboleta. A Psiquê de Wolf von Hoyer, por exemplo, também é esculpida em 1842 com asas de borboleta. Em outra chave, a borboletas podem estar associadas à efemeridade da vida, ou seja, à morte. Mas, já no século V a.C., em *Bhagavad gita* - a intertextualidade, quer explícita, quer implícita, é uma das marcas da escrita de Vera Albers -, tem-se notícia da comparação entre humanos e borboletas-mariposas. Assim ecoam as palavras do guerreiro Arjuna frente à visão do deus Krishna: “Vejo todas as pessoas precipitando-se a toda velocidade para dentro de Suas [do Senhor do universo] bocas como as mariposas se lançam num fogo

² Chevalier, Jean (org.). *Dictionnaire des symboles*. Paris, Robert Laffont, 1969, p. 581.

abrasante”.³ As borboletas-mariposas são irremediavelmente atraídas pelo Absoluto, ilustrado na forma de luz ígnea.

A atmosfera prometida pelo título da narrativa inicial da coletânea de Vera Albers – *Borboletas* - não poderia ser mais leve, delicada, doce e benfazeja, e, ao mesmo tempo, profunda e violenta!

Assim começa, prossegue e termina o texto de Vera Albers:

Borboletas

Os dias vão passando e a borboleta vai pousando no meu ombro. Roda, roda, borboleta azul e vem pousar aqui no meu blusão. Assim a fantasia encarna-se na quimera de tua constância. Ai, que coisa horrível que eu sonhei: nada menos que um incesto – pai bolinando a filha e mordiscando a orelha queimadinha de sol. Acordo, credo, sonhar uma coisa dessas.

Em compensação, quando subi no caminhão de plantas, o amigo de cabelos pretos e olhos úmidos ficou um tempão a fitar os meus e eu me senti como quem vai se apaixonar. Por que será, sinto-me como um decassílabo heróico: ora, acredito na falsidade da mentira, melhor sempre do que nada acreditar. Acredito também que um talhe esbelto-altaneiro possa dar um frêmito de amor.

A estrutura do texto evidencia uma cesura entre o primeiro parágrafo, situado em ambiente onírico, e o segundo, passado na realidade dita concreta. Mas trata-se de uma separação apenas aparente.

Logo no primeiro parágrafo, a proximidade entre a narradora e a borboleta fica patente, uma proximidade que se repete por dias. Trata-se de uma borboleta azul, que carrega a simbologia particular da esperança e da sorte, aberta, portanto, ao universo. Não só a borboleta esvoaça em torno da narradora, como a narradora a atrai com uma espécie de canção infantil, em ritmo de poesia, com direito a aliterações e consonâncias: “Roda, roda, borboleta azul e vem pousar aqui no meu blusão”, adensando, desta forma, a atmosfera criada pelo título. Ao entoar a “canção infantil”, era sua intenção, portanto, sair do mundo estático, limitado. E, neste passo, a borboleta abre o portal para o mundo do sonho, onde a fantasia se encarna na inconstância da borboleta. E, no mundo do sonho, a borboleta dá lugar à mocinha, o símbolo revela o simbolizado, isto é, a borboleta enseja à moça entrar nos recônditos de sua alma, só alcançáveis em estado

³ Vyasa, Krishna Dvapayana. *Bhagavad Gita*. Trad. Marcio Lima Pereira Pombo e Lucio Valera. São Paulo, The Bhaktivedanta Book Trust, 1976, p. 471. Disponível em <http://www.prabhupada-books.de/translations/gita-portuguese/O_Bhagavad-gita_Como_Ele_E_Bhaktivedanta_Swami_Prabhupada.pdf>.

onírico. E, entre todas as dimensões da alma, a que faz contato é a dimensão erótica: “pai bolinando a filha e mordiscando a orelha queimadinha de sol”, ou seja, a dimensão de Electra (psicologia junguiana).

Electra, como todos sabem, é uma figura da mitologia grega, configurada por Homero⁴. Era filha de Agamemnon e Clitemnestra, reis de Micenas, irmã de Orestes, de Crisotemis e de Ifigênia. Tendo Agamemnon partido para a guerra de Tróia, sua esposa toma como amante o primo do marido, e essa traição causa tal repulsa à pequena Electra, que, junto com o irmão Orestes, promete vingar-se. Quanto o pai retorna, ainda assiste ao seu assassinato, levado a cabo pela própria mãe e seu amante. Uma ferida que não cicatrizará. Entretanto, a vingança – a morte da mãe - não é executada por suas mãos, mas pelas do irmão Orestes. A figura mitológica de Electra foi transformada em personagem e levada ao teatro por Sófocles (*Electra*), Eurípides (*Electra*) e Ésquilo (*As Eumênides*) em peças com enredos diferenciados. É tema de muitas outras obras posteriores. Carl Gustav Jung, à semelhança de Freud com o complexo de Édipo, tomou-lhe o nome para designar como complexo de Electra o desejo, natural entre os 3 e os 6 anos, da filha pelo pai. Na maioria dos casos, isso aconteceria porque o pai é seu primeiro contato com o sexo oposto. O desaparecimento deste complexo é esperado, e o seu não desaparecimento pode projetar-se em dificuldades posteriores na relação com o outro sexo. Na narrativa em pauta, esse complexo vem a manifestar-se em nível onírico, causando repulsa à narradora acordada.

O segundo parágrafo da narrativa assinala o estado de vigília plena, e o instinto erótico volta-se agora para o campo do permitido, sobrepondo-se ao tabu suspenso no sonho, para “o amigo de cabelos pretos e olhos úmidos”, numa configuração altamente sensual e sedutora.

Segue-se uma autoanálise: “Por que será, sinto-me como um decassílabo heróico: ora, acredito na falsidade da mentira, melhor sempre do que nada acreditar. Acredito também que um talhe esbelto-altaneiro possa dar um frêmito de amor.” E, neste passo, mais uma vez, a narradora exhibe sua erudição, muito bem disfarçada – outra marca da escrita de Vera Albers.

O que é um decassílabo heróico? Recorrendo ao *Dicionário de termos literários*⁵, lemos:

[Verso] com dez sílabas; remontando ao século X, na França, já era cultivado, numa de suas modalidades, na poesia trovadoresca galego-portuguesa; esquecido no fim da Idade Média, o Classicismo italiano ressuscitou-o e pô-lo em circulação; Sá de Miranda divulgou-o em

⁴ Civita, Victor (ed.). *Mitologia*. São Paulo, Abril, 1973, vol. III, p. 609.

⁵ Moisés, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo, Cultrix, 1974, p. 512.

Portugal após sua estância na Itália (1521-1527), e de lá para cá tem sido dos metros mais empregados no Idioma; geralmente acentua-se na sexta sílaba; quando o acento recai na sexta e na décima, recebe o nome de *heróico*, por adaptar-se perfeitamente à poesia épica, de ritmo marcial e solene [...].

Tal definição, porém, só nos coloca outras perguntas: o que é poesia épica, e o que ela tem a ver com a declaração da narradora? Procurando no mesmo dicionário (p. 181), lá encontramos:

Das mais remotas manifestações estéticas do Homem, a poesia épica ainda encerra “o problema mais antigo da ciência da literatura”, ou seja, “definir o conceito de epopéia e reconstituir sua gênese” (Fidelino de Figueiredo, *A Épica Portuguesa no Século XVI*, 1950, p. 39). Ainda que se venha a provar a existência de realizações épicas anteriores a Homero, é com os seus poemas (*Odisséia* e *Iliada*, século IX a.C.) que principia a história dessa espécie de poesia. Posteriores são as epopéias da Índia (*Ramayana*, de Valmiki, e *Mahabharata*, de Vyasa, este do século III a V a.C., cujo episódio mais conhecido mundialmente é o “Bhagavad Gita”) e da Finlândia (*Kalevala*, composta de canções folclóricas reunidas no século XIX).

Não é preciso ir mais adiante, para percebermos de imediato na narrativa a conexão, ou melhor, o curto-circuito metafórico de alta voltagem, construído com a aparente ruptura (surrealista) entre os dois parágrafos constitutivos do texto, istoé, entre os versos decassílabos do segundo parágrafo e a borboleta do primeiro. A explosão de significados provocada nesse curto-circuito metafórico desvela e puxa para dentro da minúscula narrativa de Vera Albers todo o conteúdo portentoso do “Bhagavad Gita” (Canção do bem-aventurado), entrevisto nas primeiras referências simbólicas às borboletas/mariposas que se deixam arrebatadas pela luz do fogo. Ora, o “Bhagavad Gita” é uma parte da obra épica *Mahabharata*, atribuída a Krishna Dvapayana Vyasa, escrita em tempos diferentes entre os séculos III e V a.C. Narra-se ali a história da Índia antiga, dá-se forma aos acontecimentos, que ocorreram no norte do “país”, num passado muito remoto. Trata essa parte épica do sentido da vida, da superação de si mesmo num processo íntimo e intransferível, da transcendência do humano rumo à Alma Universal, através do desapego, do desprendimento, do amor sublime.

Na narrativa de Vera Albers, as metamorfoses pressupostas pela presença da borboleta azul, pela fase infantil da filha no sonho da narradora e pela evocação do assunto da epopeia, apontam igualmente para um processo de amadurecimento humano, que não cessa com o aparecimento do moço de cabelos pretos e olhos úmidos, despertando paixão

e amor erótico – um caminho que também aponta para o infinito, para a autorrealização – outra marca dos escritos de Vera Albers. Sendo Arjuna o herói dessa epopeia, um guerreiro indiano, também fica explicado o desenho da compleição física do objeto erótico da narradora: rapaz de cabelos pretos e olhos úmidos.

Colocando em diálogo a identificação da narradora com o trecho da epopeia citada, é como se ela dissesse de uma maneira absolutamente simples que sua metamorfose superou a fase infantil do incesto e rumou para o amadurecimento do encontro com o moço de cabelos pretos e de olhos úmidos, e ainda acenasse para a necessidade de achar um sentido para a vida através do amor sensual, para a transcendência proposta por essa figura, que sugere o guerreiro Arjuna, aquele que conheceu o Absoluto. A narradora está aberta às contradições do mundo, “à falsidade da mentira, melhor sempre do que nada acreditar” e, sobretudo, ao amor, funcionando este qual janela escancarada para o infinito: “Acredito também que um talhe esbelto-altaneiro possa dar um frêmito de amor”.

Ler Vera Albers implica sempre num trabalho infinito de arqueologia cultural.

REFERÊNCIA

Albers, Vera. *Borboletas*. Voz da Mulher. São Paulo, 2021, XX p.